

UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE NUMERAMENTO-LETRAMENTO DE SURDOS: INVESTIGANDO QUESTÕES DE LINGUA(GEM), CULTURA(S) E IDENTIDADE(S)

Elaine Botelho Corte FERNANDES¹

RESUMO: Este trabalho foca as formas de participação em práticas de numeramento-letramento dos surdos de uma instituição escolar, localizada no estado de São Paulo. O objetivo do trabalho é analisar alguns dos significados produzidos pelos surdos em tais práticas, para que assim seja possível iniciar uma reflexão sobre a educação matemática dos mesmos. Para tanto, o trabalho segue uma abordagem qualitativa que tem por base as idéias apresentadas por Erickson (1984, 1989). O trabalho fundamenta-se em pressupostos teóricos que consubstanciam: o letramento, o numeramento, a Etnomatemática, e ainda questões sobre bilingüismo, identidade, cultura e representação.

Palavras-chave: Surdez; Etnomatemática; Identidade; Cultura; Representação.

ABSTRACT: This study puts its focus on the ways of participation on practices of numeracy-literacy of the deaf in an institutional school, in the state of Sao Paulo. The purpose of this study is to analyze some of the meanings produced by the deaf within such practices, allowing us to begin a reflection about their mathematical education. This study follows a qualitative approach which has the basis of the ideas presented by Erickson (1984, 1989). This study is based on the theoretical assumptions: numeracy, literacy, Ethnomathematics and some issues about bilingualism, identity, culture and representation.

Keywords: Deafness; Ethnomathematics; Identity; Culture; Representation.

1. Introdução

Sabemos que já há algum tempo as discussões sobre Educação Especial acontecem na academia e nos encontros, congressos e demais eventos por ela promovidos e, conseqüentemente, tais discussões invadem as produções acadêmicas de alguns pesquisadores. Também a mídia, de um modo geral, dedica algum espaço ao tratamento de questões ligadas aos chamados “deficientes” ou ainda, aos denominados “portadores de necessidades educativas especiais”. Desse modo, parece que a existência de pessoas que, até então, eram invisibilizadas, começa a ser percebida pela sociedade mais ampla e deixa de ser algo restrito aos espaços acadêmicos.

Contudo, muitos entraves ainda podem ser facilmente encontrados quando focamos a educação de tais pessoas, indicando a existência de uma infinidade de fatores que necessitam

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Bolsista CNPq. E-mail: lainebotelho@ig.com.br.

ser (re) descobertos, (re) discutidos e (re) pensados. Vale mencionar que o próprio momento sócio-histórico atual no qual, ações governamentais decorrentes das pressões exercidas por determinados grupos em favor de certos interesses ligados à pessoa surda – como a criação da lei federal 10.436 de 24 de Abril de 2002 na qual ocorre a oficialização da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) ou a promulgação do Decreto 5.626 de 22 de Dezembro de 2005 que trata da obrigatoriedade da inserção de disciplinas relacionadas à LIBRAS nos cursos de formação de professores – são imagem e reflexo do próprio momento oportuno no qual a surdez ganha maior destaque. Entretanto, uma maior visibilidade não significa uma educação de melhor qualidade para tais pessoas.

Assim, diante das inúmeras possibilidades que se apresentam, este trabalho se refere ao tema “surdez” e pretende discutir a participação de surdos em práticas de numeramento-letramento, ou seja, a participação de pessoas surdas em práticas sociais que envolvem a leitura, a escrita e os conhecimentos matemáticos. De um modo geral, pretende-se com esse estudo conhecer melhor aquilo que se refere à pessoa surda e aos seus processos de aprendizagem, pensando principalmente no que se refere à Educação Matemática. Considerando aspectos lingüísticos, pedagógicos, políticos e sociais, o trabalho parte de uma discussão teórica que abriga conceitos como culturas, línguas/linguagens, identidades e representações. O trabalho fundamenta-se ainda em pressupostos teóricos que consubstanciam: o letramento, o numeramento, a Etnomatemática, e as questões sobre bilingüismos e contextos de minorias.

Buscando compreender os significados que os próprios participantes da pesquisa apresentam dos fenômenos estudados, o trabalho segue uma abordagem qualitativa com base nas idéias de Erickson (1984, 1989). O interesse pela pesquisa decorre de uma experiência profissional de oito anos enquanto professora de matemática e física da rede estadual de ensino de São Paulo, o que possibilitou a constatação de que grande parte dos professores de tal rede ainda continua alheia às discussões sobre essa temática. O interesse pela pesquisa também advém de inquietações suscitadas em dois cursos de especialização – em Educação Especial e em Educação e Reabilitação de Surdos – e ainda, dos próprios resultados da Dissertação de Mestrado. O estudo torna-se relevante devido à preocupação com a escassez de trabalhos envolvendo o tema, visto que os conhecimentos matemáticos são pouco tomados como objeto de discussão no campo da Educação Especial, sobretudo, no campo da Surdez, onde a prática pedagógica parece indicar que a elaboração da escrita e da leitura transforma-se na maior preocupação em detrimento da matemática que é relegada a segundo plano.

Entretanto, acreditamos que as práticas de letramento e as práticas de numeramento estão entrelaçadas e por essa razão, ambas necessitam ser investigadas. Insistimos em dizer que é indispensável a análise das práticas referentes aos conhecimentos matemáticos de pessoas surdas e, ainda, o questionamento de representações que remetem tanto ao sucesso quanto ao fracasso de pessoas surdas na disciplina Matemática.

Não é segredo que a atual legislação brasileira sugere o atendimento preferencial de surdos na rede regular de ensino na chamada “inclusão”, contudo, muitos surdos são recebidos também por “escolas especiais”, principalmente, nas séries iniciais. Entretanto, existem ainda outras instituições não-escolares que também desenvolvem atividades educativas com os surdos, visando uma melhor inserção destes na sociedade. Sem enumerar as vantagens e desvantagens de cada uma dessas três realidades, por não ser esse o objetivo do trabalho, mas, ao mesmo tempo, sem negar a importância de se conhecê-las, enfatiza-se que o presente estudo focará, principalmente, a análise de algumas práticas realizadas em um contexto escolar específico no qual a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua de comunicação e instrução, ao qual denominaremos “contexto de Educação Bilíngüe”, visto que o mesmo é perpassado ainda pela língua oficial do Brasil, ou seja, o Português. Contudo, é preciso lembrar que outras línguas/linguagens também se fazem presentes nesse contexto onde jovens e adultos surdos de diferentes séries buscam apoio para a realização de suas tarefas escolares nas diversas disciplinas.

Vale ressaltar que, não pode ser excluída, momentaneamente, a possibilidade de um direcionamento para outras práticas desenvolvidas no exterior da instituição escolar, pela consideração de que o “aprender” não ocorre somente na escola e de que, mesmo em contextos não-escolares, os surdos entram em contato com os mais variados tipos de conhecimentos e, em especial, os conhecimentos matemáticos. Podemos dizer que o presente trabalho focará inicialmente as formas de participação de jovens e adultos surdos em práticas de numeramento-letramento em um espaço específico de uma instituição escolar, podendo ainda ser expandido para as práticas dos surdos em outros contextos, com o objetivo de analisar alguns dos significados produzidos pelos surdos e por seus interlocutores, no que se refere à escola, à aprendizagem, à matemática e à própria surdez, para que assim seja possível iniciar uma reflexão sobre a Educação Matemática dos mesmos. Enfim, deseja-se com essa pesquisa apresentar uma contribuição aos cursos de formação de professores (em especial, as Licenciaturas em Matemática), abordando questões ainda não muito comuns em tais cenários, com o apontamento de alguns possíveis direcionamentos, promovendo visibilização e

reconhecimento desses “outros”, tentando estabelecer discussões que considerem as relações de poder presentes no processo de numeramento-letramento de pessoas surdas.

2. Perguntas e Contexto de Pesquisa

Considerando os resultados dos trabalhos realizados nos cursos citados anteriormente pode-se dizer que eles suscitaram as inquietações que deram origem ao presente estudo. Num primeiro momento, ou seja, com a monografia apresentada em 2002 ao curso de Especialização em Educação Especial da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, foi possível perceber que os surdos observados, inseridos naquele momento na rede municipal de ensino de Campinas no processo de “inclusão”, encontravam-se isolados na sala de aula e tinham sua aprendizagem sob responsabilidade da Professora Itinerante (especialista que visitava a escola uma ou duas vezes por semana). Já em 2003, com a monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação e Reabilitação de Surdos da Universidade Estadual de Campinas, constatou-se que as representações de alguns profissionais da educação da rede municipal de Campinas sobre os alunos surdos indicavam que tais alunos *sabiam* matemática, ou seja, que o problema deles estava apenas na aprendizagem do português. E por último, com a Dissertação de Mestrado defendida em 2007 dentro do Programa de Pós-Graduação da Universidade São Francisco em Itatiba, foi possível descobrir que alguns dos significados produzidos pelos próprios surdos de um contexto não escolar indicavam que os mesmos *não sabiam* matemática.

Assim, houve o interesse em se conhecer outros contextos não-escolares e em investigar melhor tanto os discursos que remetem ao sucesso quanto ao fracasso dos alunos surdos na disciplina Matemática. Desse modo, pretende-se dar continuidade a algumas discussões iniciadas anteriormente e caminhar em direção às possíveis respostas para os seguintes questionamentos:

- *Como são as práticas de numeramento-letramento desenvolvidas com os alunos surdos no contexto de Educação Bilíngüe?*
- *Quais as representações construídas por professores e alunos nas práticas que envolvem os conhecimentos matemáticos, a leitura e a escrita?*

Primeiramente, o trabalho se desenvolverá em um contexto escolar a partir das observações das atividades realizadas em uma Sala de Recursos localizada no estado de São

Paulo e aqui denominado “contexto de Educação Bilíngüe”, principalmente porque o mesmo é perpassado tanto pela LIBRAS quanto pelo Português. Os adolescentes e adultos surdos participantes de tal contexto são alunos de um curso supletivo e residem em diferentes cidades. Também estão previstas, a partir do acompanhamento de uma surda específica em suas atividades variadas, análises de práticas desenvolvidas em contextos não-escolares.

Em resumo, podemos dizer que o objetivo geral desta pesquisa é investigar as práticas dos surdos em torno do processo de numeramento-letramento, considerando aspectos lingüísticos, políticos e sociais e culturais. Desse modo, pretende-se discutir como as representações dos surdos e de seus interlocutores construídas em contexto de Educação Bilíngüe podem fornecer subsídios para a reflexão sobre a Educação Matemática dos surdos.

3. Alguns Pressupostos Teóricos

3.1. Sobre a Surdez, a Pessoa Surda e a Língua de Sinais

Autores como Lane (1992) apontam para o fato de que em grande parte da literatura produzida por ouvintes, os surdos geralmente são classificados com referência ao grau de suas perdas auditivas ou com base na etiologia da surdez. Entretanto, tais classificações não constituem o foco deste estudo. Preocupa-nos apenas dizer que, aqui, os surdos serão considerados parte de uma minoria lingüística e cultural. Desse modo, nos aproximamos de um modelo sócio-antropológico da surdez, no qual os surdos são vistos como formadores de uma comunidade lingüística minoritária, caracterizada por compartilhar uma língua de sinais e valores culturais, hábitos e modos de socialização próprios. Vale ressaltar tendo como base as idéias apresentadas por Cavalcanti (1999) que, quando o que está em jogo é a diversidade lingüística, a distinção entre *minoría x maioria* está mais relacionada a poder (e prestígio) do que a quantidade.

Tratando mais especificamente da questão lingüística, Cunha Coutinho (2003) coloca que a língua de sinais sempre foi a forma mais natural de comunicação entre os surdos. Entretanto, durante muito tempo, a língua de sinais foi desvalorizada pela comunidade ouvinte, e talvez ainda o seja pelo não reconhecimento desta como língua. No Brasil, a oficialização da LIBRAS ocorreu somente em 24 de abril de 2002, conforme consta na Lei Federal 10.436/2002. Isso demonstra que o reconhecimento político da língua de sinais é bastante recente, o que não implica dizer que tal reconhecimento tenha favorecido sua efetiva inclusão nas práticas educativas com estudantes surdos. Daí a defesa da inserção da LIBRAS em ambientes educacionais em todas as suas atividades, apontando para um reconhecimento da especificidade lingüística do surdo e um abandono das tentativas de torná-lo ouvinte,

principalmente no que diz respeito a sua comunicação. Afinal, na dinâmica imposta pelo processo de “inclusão”, parece-nos que somente o português – geralmente, em sua variedade de maior prestígio – não tem garantido ao surdo as melhores condições para seu desenvolvimento.

Entretanto, sabemos que somente a língua não garante ao surdo ou a qualquer estudante uma aprendizagem efetiva porque muitos outros fatores estão em jogo. Além disso, reconhecemos que também o grupo de surdos é composto por sujeitos com diferentes identidades e que podem ou não ser falantes da LIBRAS. Desse modo, para aqueles que não conhecem a língua de sinais, sua utilização na escola faria pouco sentido se antes, não houvesse um trabalho voltado para a aprendizagem de tal língua.

E, após explicitar algumas de nossas concepções sobre a surdez, a pessoa surda e a língua de sinais, passamos para o próximo item onde é apresentada uma breve discussão sobre os conceitos de cultura e identidade.

3.2. Cultura e identidade

Conceitos como cultura e identidade são sempre alvos de muitas discussões teóricas. O conceito de cultura, como coloca Silva (2006), geralmente é visto a partir de uma concepção fundamentalmente estática. Contudo, existe ainda outra perspectiva, dentro da qual a cultura é vista a partir de uma noção essencialmente dinâmica. Posicionamos-nos na segunda perspectiva, ao acreditarmos que a cultura é um processo em contínua construção, desconstrução e reconstrução, ou seja, a cultura não é, está sendo a cada momento. Desse modo, torna-se possível o pensamento de diversas culturas não homogêneas, constituídas em diferentes momentos, considerando sua história e suas particularidades.

Tal posicionamento nos permite a consideração de que as sociedades atuais são compostas por diferentes sujeitos e identidades, que as tornam palcos onde atuam simultaneamente múltiplas culturas que se interpenetram, mas não em relações de simetria. Deste modo, devemos então estar atentos às diferenças existentes entre o grupo de surdos e o grupo de ouvintes e ainda, às diferenças existentes no interior de cada grupo e, às relações de poder presentes em tais sociedades.

Ao acrescentarmos tais elementos à discussão que se estabelece, sem negar que, como Bueno (1998) adverte, a surdez é um traço de identificação, enfatizamos o rompimento com a visão de “surdo genérico”, ou seja, com uma visão essencialista que considera como única característica determinante da identidade (no singular) da pessoa surda – a própria surdez, sem considerar se tal pessoa é branca ou negra, rica ou pobre, homem ou mulher, etc.

Acreditamos que os processos de identificação não se constroem “naturalmente” e, por essa razão, as discussões sobre identidade(s) se tornam relevantes para o presente estudo e, vale dizer que, também o conceito de identidade é aqui compreendido como algo plural e em constante processo de construção e transformação. Para nós, os processos de identificação são sempre conflituosos. Todo esse conflito certamente se faz presente nas significações que os surdos produzem na dinâmica da sala de aula e em seus diversos processos de aprendizagem, e também se reflete nas possibilidades pedagógicas propiciadas pelos professores de matemática e outros que, muitas vezes, recebem esses surdos sem o mínimo de conhecimento necessário sobre a surdez.

Contudo, na busca por alternativas advindas de outras práticas sociais dos surdos, nas quais a aprendizagem de conhecimentos matemáticos também ocorra, é que esse trabalho encontra relevância, na medida em que poderá auxiliar na discussão sobre os contextos escolares, concebidos como lugares sistematizados para a aprendizagem, porém, não como os únicos possíveis.

3.3. Aprendizagem e conhecimentos matemáticos

É claro que, quando falamos em aprendizagem, logo pensamos na escola. Contudo, acreditamos que a aprendizagem também ocorre em outros contextos, talvez, de maneiras menos sistematizadas. Afinal, a partir das idéias apresentadas por Wenger (2001), podemos concluir que a aprendizagem é um fenômeno social que faz parte de nossa vida cotidiana e que, portanto, não pode estar ligada apenas às imagens de aula, livros, professores, isto é, não pode estar ligada apenas ao contexto escolar.

Tratando da aprendizagem da Matemática, é possível dizer que esta é vista, muitas vezes, como algo acessível apenas a um grupo de poucos escolhidos, tomados como superiores e até geniais. Certamente, o erro está ainda em considerar tal disciplina apenas ligada à escolarização, sem considerar os mais diversos conhecimentos matemáticos presentes no dia-a-dia em práticas que muitas vezes se diferem das práticas escolares. Por essas razões, questionamos a valorização dessa Matemática Acadêmica em detrimento de outros tipos de conhecimentos matemáticos, que não são reconhecidos pela escola e pela própria sociedade.

Entretanto, não defendemos a idéia de que os surdos ou qualquer outro grupo minoritarizado não deva ter acesso à matemática escolar, mas que sejam respeitados os seus modos de pensar e praticar suas diversas matemáticas no dia-a-dia.

Tais preocupações fazem parte da agenda da Etnomatemática, sobre a qual, passamos a discutir.

3.4. A Etnomatemática e as interfaces com a Linguística Aplicada

A Etnomatemática é definida por D'Ambrósio como:

[...] a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de uma certa faixa etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns aos grupos (D'Ambrosio, 2002, p. 9).

Entretanto, além desse caráter antropológico, para o autor, a Etnomatemática possui uma dimensão política, pois não deseja rejeitar a Matemática Acadêmica, mas pretende discutir as relações de poder que a tornam legítima e superior, enquanto conferem aos outros tipos de conhecimento o status de mera curiosidade ou de folclore. De qualquer forma, enfatizamos mais uma vez a necessidade de se levar para a educação de pessoas surdas a idéia de que os conhecimentos matemáticos podem surgir de maneiras distintas daquelas impostas e aceitas pela escola.

Autores, como Moita Lopes (2006), têm indicado a necessidade de se pensar em uma Linguística Aplicada (LA) que incorpore teorizações relevantes das Ciências Sociais e das Humanidades. Nessa nova perspectiva, as práticas sociais e seus atores, as questões éticas, políticas e ideológicas tornam-se relevantes e ganham visibilidade. Trabalhos que se inserem na Etnomatemática também se aproximam de tais questões ao procurarem analisar, valorizar e divulgar as práticas sociais de grupos (geralmente, excluídos ou marginalizados). Percebemos que também os estudos em LA ampliam seus olhares para questões históricas, políticas, sociais e culturais, antes consideradas apenas em pesquisas de outras áreas. Moita Lopes, ao discutir novos modos de teorizar e fazer LA coloca que:

Aqueles que foram postos à margem em uma ciência que criou outridades com base em um olhar ocidentalista têm passado a lutar para emitir suas vozes como formas igualmente válidas de construir conhecimento e de organizar a vida social, desafiando o chamado conhecimento científico tradicional e sua ignorância em relação às práticas sociais vividas pelas pessoas de carne e osso no dia-a-dia, com seus conhecimentos entendidos como senso comum pela ciência positivista e moderna (MOITA LOPES, 2006, p. 87-88).

Também a LA pode colocar seu foco de interesse naqueles que se encontram marginalizados, visando à valorização de seus conhecimentos, sem a intenção de hierarquizá-los. E, dentro dessas novas possibilidades de se fazer pesquisa, em contextos de minorias (e

de maiorias tratadas como minorias), a preocupação com conceitos como identidades, culturas e representações torna-se cada vez mais freqüente. Enfim, pode-se dizer que é em busca desse novo jeito de se fazer pesquisa em Etnomatemática e em LA que o presente projeto de pesquisa deseja caminhar.

4. Resultados Parciais

Como já explicitado anteriormente, esta pesquisa segue uma perspectiva qualitativa com base nas idéias de Erickson (1984, 1989). Tal autor, baseado na Antropologia, foi um dos primeiros a falar sobre a Etnografia para o contexto escolar, propondo “olhar” para a sala de aula não apenas como um laboratório, mas como um ambiente sócio-cultural, trazendo para a Educação a interação entre as diversas áreas e a busca do conhecimento dos “detalhes” e, principalmente, dos significados construídos pelos atores sociais envolvidos na pesquisa.

Nesse sentido, o processo de geração de registros poderá contar com os seguintes procedimentos: observação das aulas ministradas; elaboração de diário de campo; análise dos registros produzidos pelos envolvidos; realização de entrevistas semi-estruturadas com os profissionais envolvidos (gravadas em áudio) e com os surdos (gravadas em vídeo, mediadas por um falante de LIBRAS e, posteriormente, transcritas por um intérprete para que seja possível levantar questões a partir da perspectiva dos próprios surdos) e ainda, com o acompanhamento das atividades realizadas por uma surda específica em contextos não-escolares. Também será feita uma revisão bibliográfica, buscando uma base teórica para fundamentar a análise dos registros gerados, almejando um melhor conhecimento sobre as questões que se referem aos contextos de maiorias tratadas como minorias e aos contextos de Educação Bilíngüe.

A partir dos desdobramentos dos cursos de especialização e de mestrado verificamos que alguns surdos que não conheciam a língua utilizada por seus professores acabavam isolados em salas de aulas, ainda assim, chamadas “inclusivas” e ainda, descobrimos a existência de discursos e representação que apontavam para o *sucesso* desses surdos na disciplina Matemática durante a análise de alguns contextos escolares. Mas, também, a existência de discursos e representações que apontavam para o *fracasso*, quando as práticas analisadas foram de uma instituição não-escolar.

Desse modo, para o desenvolvimento do Projeto de Doutorado, procuramos uma instituição onde, principalmente professores e alunos tivessem um território lingüístico comum, no qual a aprendizagem pudesse ser construída. No entanto, sabemos que no

processo de aprendizagem inúmeros outros fatores se fazem presentes, embora não se possa negar a importância de uma língua compartilhada entre todos os participantes.

Até o presente momento, pode-se dizer que as representações que faziam referência ao sucesso dos surdos na disciplina Matemática não consideravam o processo de leitura e interpretação dos enunciados dos problemas matemáticos, realizado somente pelo professor, enquanto do aluno surdo era esperada apenas a resolução dos cálculos já estipulados. Já as representações que faziam referência ao fracasso dos surdos consideravam apenas a Matemática escolar, principalmente, as questões ligadas às “quatro operações” (somar, subtrair, multiplicar e dividir) e não atentavam para os muitos conhecimentos matemáticos desenvolvidos sem maiores dificuldades do dia-a-dia das pessoas surdas.

De um modo geral, é possível dizer que a visão de Matemática não parece estar ligada às práticas do cotidiano, mas apenas à escolarização. Além disso, os surdos apresentam dificuldades na resolução de problemas matemáticos quando esses são apresentados por meio do Português oral e/ou escrito, mas são capazes de responder corretamente tais problemas quando estes são apresentados por meio da LIBRAS.

Se antes, com a análise do processo de inclusão de alguns surdos na rede municipal de ensino de Campinas, verificou-se que a aprendizagem desses alunos, muitas vezes, ficava apenas sob a responsabilidade da Professora Itinerante, agora, no contexto de pesquisa atual, percebe-se que a Professora da Sala de Recursos é chamada a desempenhar o papel de alguns professores específicos no que se refere à exposição dos conteúdos e a própria aprendizagem. Contudo, nesse contexto, uma diferença é gritante: os surdos, ainda em processo de aquisição do Português, não ficam isolados e conseguem interagir plenamente com a utilização da LIBRAS.

Entretanto, constatou-se que, em alguns casos, apenas um território linguístico comum não tem garantido a aprendizagem. Apesar de a LIBRAS ser a língua mais utilizada para a instrução e a comunicação, há por parte de alguns alunos, muita dificuldade na resolução das tarefas propostas, principalmente, porque estas são apresentadas em Português. Nota-se que os materiais utilizados são os mesmos adotados para os estudantes ouvintes sem nenhuma forma de adaptação. Também as avaliações seguem os mesmos padrões, independentemente, da condição linguística do aluno.

Nesse sentido, destacamos a necessidade de estudos que investiguem os materiais didáticos utilizados na educação dos surdos e principalmente, que questionem os processos de avaliação impostos a eles.

Com relação ao acompanhamento das atividades de uma surda específica, ainda não foi possível acompanhá-la em muitas outras atividades no exterior do espaço escolar. Contudo, tornam-se nítidas suas mudanças identitárias, quando comparamos suas atitudes e representações a partir das práticas no contexto atual composto apenas por alunos surdos e num outro contexto no qual ela era a única surda numa sala de ouvintes. Tal constatação motiva ainda mais o interesse pela investigação de outras práticas em contextos não-escolares, nos quais, certamente, os conhecimentos matemáticos se fazem presentes.

REFERÊNCIAS

BUENO, José Geraldo. Surdez, linguagem e cultura. **Cadernos CEDES**, São Paulo, n. 46, p. 41 – 56, 1998.

CAVALCANTI, Marilda C. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. **D. E. L. T. A.**, vol. 15, n. especial, p. 385 – 417, 1999.

CUNHA COUTINHO, Maria Dolores Martins da. **A mediação de esquemas na resolução de problemas de Matemática por estudantes surdos**: um estudo de caso. Rio de Janeiro: UFRJ. 2003. 184 f. mimeo. Dissertação (Mestrado). Programa Interdisciplinar de Lingüística Aplicada – Interação e Discurso. UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2003.

D' AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ERICKSON, F. What Makes School Ethnography "Ethnographic"?. **Anthropology and Education Quarterly**, Vol. 15, nº 1, p. 51 – 66, Spring, 1984.

_____. **Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza**. In: WITTROCK, M. C. La investigación de la enseñanza, II. Métodos cualitativos y de observación. Barcelona: Ed. Paidós. 1989. p. 195 – 299.

LANE, Harlan. **A máscara da benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Trad. De Cristina Reis. Horizontes Pedagógicos, 1992.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Lingüística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma lingüística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

WENGER, Etienne. **Comunidades de prática**: Aprendizaje, significado e identidad, Trad. de Genis Sanches Barberán, Barcelona: Paidós, 2001.